

poéticas políticas

Uma carta chega a seu destinatário

Una carta llega a su destinatario

A letter arrives to its addressee

Eder Fernandes Santana¹

¹Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: santanaeder@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5131-0637>.

Submetido em 01/03/2023.

Aceito em 22/07/2023.

Como citar este trabalho

SANTANA, Eder Fernandes. Uma carta chega a seu destinatário. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 671-676, jul./dez. 2023.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 9 | n. 2 | jul./dez. 2023 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.



Uma carta chega a seu destinatário

Paranoid Park¹ retrata a situação de um adolescente que vê sua vida implicada ao acaso de um acontecimento.

Em conflito com a lei, produziu danos irreparáveis, fez irromper um corte, um furo no corpo da lei.

A narrativa, fragmentada, tece modos como o adolescente se liga e se desliga, tenta um espaço de escuta, em família, no grupo de amigos, com a namorada.

No carro, ouve Hip Hop e também música clássica. Transita, faz ligações imprevisíveis.

O skate é o eixo narrativo no filme.

Paranoid Park nomeia o território, na periferia da grande cidade, onde jovens construíram a pista de skate.

Com o skate, o adolescente desliza, irregular, na pista, no morro, no asfalto.

Exige e exhibe criatividade, saídas.

Com a vida, e como na vida, evidencia riscos, promove encontros e desencontros.

Para deslizar na pista, a roupa é solta. Os gestos dão equilíbrio.

O jovem espera sua vez e, quando esta chega, se lança e desenha, no desamparo do ar, uma ginga, ali, efêmera, mas de que se pode dar ao dizer. Produz saber.

Procura o pai. A oferta de palavra que o ajude dar uma organização a sua trajetória, agora riscada pela infração.

A situação se desenlaça com um convite a que uma narração se faça.

A palavra, a escrita possibilita tomá-la para si, sem demandar autorização.

Escrever.

Não posso.

Ninguém pode.

É preciso dizer: não se pode.

E se escreve.

¹ Dirigido por Gus Van Sant. Imovision, 2007. Baseado em “Paranoid Park”, de Blake Nelson.

É o desconhecido que trazemos conosco: escrever, é isto o que se alcança. Isto ou nada.

Ouvimos, em companhia silente, de Marguerite Duras.²

Resposta que pode organizar a situação e, com ela, precária, o adolescente, em sua história, pode se fazer sujeito e se responsabilizar.

Obrigação de responder, responsabilidade como resposta – o vocábulo carrega em si a dimensão da palavra.

Convocado a escrever, numa carta, aquilo de que não encontra uma escuta. Com a escrita, narra e compõe, com sua trajetória, fragmentada, testemunhal, o filme.

² DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 47.



Sobre o autor

Eder Fernandes Santana

Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais e servidor público do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.